

# e deus criou o mundo

carlos quevedo

 **DESASSOSSEGO**  
LIVROS PARA PENSAR

*Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei,  
engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.*

GÉNESIS 12: 2.

*Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis?*

*Também os pecadores fazem o mesmo.*

*Vós, porém, amai os vossos inimigos,  
fazei o bem e emprestai sem nada esperar em troca.*

SÃO LUCAS 6: 32 E 6: 35.

*Invocai a vosso Senhor, humilde e secretamente.*

*Por certo, Ele não ama os agressores.*

ALCORÃO 7: 55.



À Carla

# ÍNDICE

**AGRADECIMENTOS – 11**

**INTRODUÇÃO – 13**

**PARTE UM**

**AS RELIGIÕES E O MUNDO – 19**

**PARTE DOIS**

**SER RELIGIOSO – 45**

Ser judeu – 51

Ser católico – 73

Ser muçulmano – 83

Proibições em comum – 97

**PARTE TRÊS**

**A VIDA DOS CRENTES – 105**

O homem e a mulher – 107

A família e o judaísmo: o casamento e o divórcio – 109

A família e a Igreja Católica: o casamento e o divórcio – 120

A família e o islão: o casamento e o divórcio – 127

O casamento inter-religioso – 138

A mulher e as religiões – 144

A morte e as religiões – 161

A morte no judaísmo – 165

A morte no catolicismo – 173

A morte e o islão – 179

O fim do mundo – 183

**CONCLUSÃO – 193**

**BIBLIOGRAFIA – 202**

## AGRADECIMENTOS

QUERO AGRADECER A RUI PÊGO, A PRIMEIRA PESSOA que acreditou no projecto de fazer um programa de rádio de diálogo inter-religioso chamado *E Deus Criou o Mundo*. Os seus conselhos, convicção e energia foram fundamentais para a concretização desta ideia.

A António Henrique Pires, Ana Dias e João Carrasco, bem como a todos os técnicos de som da RDP, agradeço a dedicação e a eficiência.

A Abdool Magid Vakil, Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, agradeço ter aceitado o convite para participar no programa. A sua determinação na defesa da mensagem de tolerância e união dos credos foi essencial nos tempos que vivemos.

A Khalid Jamal agradeço o entusiasmo, a generosidade e a clareza de espírito. A Isaac Assor agradeço sua lusitana forma de ser judeu, companheira e irreduzível. Agradeço a Pedro Gil por ser a pessoa mais parecida com um santo que conheci pessoalmente na minha vida. Sou também grato a Khalid, Isaac e Pedro por terem falado comigo sobre especificidades dos seus credos. Partes dessas conversas são aqui citadas.

Com Henrique Mota, foi amizade à primeira vista. A partir do momento em que lhe propus moderar o programa de rádio *E Deus Criou o Mundo* que se tornou uma máquina imparável de entusiasmo e cumplicidade. A sua perspicácia e alegria formaram a personalidade do programa, e por isso muito obrigado.

Sou grato a Safaa Dib, a Luís Corte Real e a Margarida Damião, da Saída de Emergência, pela temeridade em convidar-me a escrever este livro.

Agradeço por fim à minha mulher, dona do meu coração e da minha gramática.

# INTRODUÇÃO

5







**E** *Deus Criou o Mundo* é o nome de um programa de rádio que criei e produzo na Antena 1. Tem como ideia de base falar de religião e comentar a actualidade de uma perspectiva religiosa com pessoas de fé que não fossem clérigos ou, se me permitem a insolência, que não fossem *professionais*. Não é assim tão fácil conciliar a fé com a vida moderna. Descuidar as práticas e o pensamento religioso no quotidiano é tão prejudicial como o seu contrário. É errado fechar-se ao mundo e viver isolado e desligado da realidade das pessoas e da comunidade, numa prática religiosa solipsista.

A propósito de uma versão deste tema, Lord Jonathan Sacks, Rabino-chefe das Congregações Hebraicas Unidas da Commonwealth durante mais de duas décadas, afirmou que os judeus britânicos têm dois perigos no futuro: o crescimento dos judeus ultra-ortodoxos e a assimilação por casamento com pessoas de outras religiões. “Os dois

factores em mais rápido desenvolvimento no mundo judaico são aqueles que abraçam o mundo e rejeitam o judaísmo e aqueles que abraçam o judaísmo e rejeitam o mundo”<sup>1</sup>. Com ligeiras adaptações, estes dois perigos são comuns a todos os credos.

Porém, em todos os credos encontramos crentes que vivem a sua religião como deve ser vivida. Cumprem os preceitos, defendendo o seu dogma, procurando que a sua vida pessoal, afectiva e laboral não contradiga a sua fé, sem por isso deixarem de ser cidadãos normais com os problemas de qualquer pessoa comum. A singularidade deste programa de rádio era — e é — nunca ter sido feito em Portugal numa base semanal e inter-religiosa. Produzir o programa de rádio *E Deus Criou o Mundo* é a habilitação que me atribuíram para escrever este livro.

Penso que vale a pena contar que demorou um ano até ter o beneplácito da direcção da RTP e que o empenho e a convicção de Rui Pêgo, Director da Antena 1, foi vital para a sua existência, assim como o entusiasmo e a dedicação dos seus participantes o são para que se concretize todas as semanas. O primeiro programa foi para o ar a 3 de Março de 2015.

No início de cada programa, Henrique Mota, o moderador do programa, depois de descrever o objectivo de *E Deus Criou o Mundo*, que consiste sobretudo em falar das religiões historicamente mais representativas (por uma questão meramente técnica tive de excluir um quarto credo cada vez mais numeroso em Portugal, que são as igrejas

---

<sup>1</sup> Frase dita no seu jantar de despedida, em Junho de 2013.

evangélicas, em geral denominadas protestantes), as suas diferenças e semelhanças e também comentar temas da actualidade à luz das diferentes crenças, diz: “Estamos aqui com Abdool Magid Vakil, muçulmano, Isaac Assor, judeu e Pedro Gil, católico”. A perspectiva muçulmana passou a ser defendida por Khalid Jamal, a partir de Dezembro de 2016. E continua: “Não são representantes oficiais das suas respectivas religiões; e tudo quanto aqui disserem será sempre a título pessoal”. Não é de imediato evidente que se estabeleça um diálogo inter-religioso com esta característica. É, porém, obrigatório dizer que este livro também é escrito “a título pessoal”.

As minhas opiniões estão aqui reflectidas e podem ou não ser coincidentes com as opiniões dos membros do painel do programa. Orgulho-me da influência que exercem em mim e espero que, ao apresentar a minha interpretação dos credos abraâmicos, certamente imperfeita mas sincera, possa contar com a tolerância (e talvez o perdão) de todos eles. Seja como for, da minha gratidão não se safam.

Muitos ouvintes e quase todos os convidados que aceitaram participar no programa sentiram como é insólito o encontro de três homens de credos distintos a falar das suas religiões, alegrando-se nas convergências, mas sem temer as inevitáveis divergências. O meu mérito é ainda menor: a fonte inspiradora foi constituída por pessoas admiráveis como o então cardeal Joseph Ratzinger e o rabino reformista Jacob Neusner nos seus diálogos epistolares. Também os diálogos na rádio e televisão de Buenos Aires entre o cardeal Jorge Bergoglio e o rabino Abraham

Skorka, posteriormente publicados no livro *Bíblia, Diálogo Vigente*, contribuíram para perceber a importância do diálogo aberto e para todos sobre temas religiosos e a vida que vivemos.

Os participantes dos três credos em *E Deus Criou o Mundo* não só têm em comum um Deus, mas também Abraão, de quem o povo de Israel vai descender, a quem Deus falou e com quem Deus fez uma aliança fundadora. Abraão será nomeado o pai da fé para os judeus, cristãos e muçulmanos (Gênesis 17: 1-27).

PARTE UM

# AS RELIGIÕES E O MUNDO





I

**E** porquê Abraão? Os cristãos viram nele o exemplo da fé e abordaram a herança do patriarca, além dos laços de sangue que o povo judeu reivindicava legitimamente, homologando o seu legado biológico ou genético à herança espiritual. O facto de Abraão se ter circuncidado aos noventa anos a pedido de Deus é um indício de que Deus fala para todos e não só para o povo escolhido. Ou seja, com o cristianismo deixou de ser preciso ser judeu para adorar o Deus de Abraão. Para o islão, Abraão é o exemplo da fé sem dúvidas, o primeiro homem escolhido por Deus e que não era nem judeu nem cristão. O islão apresentava outros argumentos de relacionamento sanguíneo com Abraão. O povo árabe descenderá do primeiro filho, Ismael, que Abraão teve com uma concubina ou escrava egípcia chamada Agar. Só para nos situarmos cronologicamente, a vida de Abraão acontece muito depois de Noé e do dilúvio.



Mas a pergunta inevitável persiste: onde ou a quem nos pode levar um diálogo que nunca terá fim, uma vez que convencer o outro, quero dizer a conversão, está fora de questão? A resposta é simples: só com o diálogo inter-religioso podemos conhecer o mundo diverso e semelhante dos homens de fé. Ter o mesmo Deus é o que os une, mas fazer a Sua vontade na Terra parece ser a grande divergência entre os credos. Este tipo de diálogo é uma situação rara e relativamente recente, embora tenha sido formalmente proposta no Concílio Vaticano II.

Nestes últimos anos temos assistido com cada vez mais frequência a encontros de autoridades religiosas, e é costume estes encontros inter-religiosos serem anunciados com pompa e reverência. Não pode ser de outro modo. As comunidades confessionais devem saber que as crenças religiosas não vivem em mundos paralelos. Além do mais, vivemos noutra era, em que a tolerância já não é só uma obrigação religiosa, mas um dever cívico. As religiões não são feitas por teólogos. A humanidade crente não está habituada a falar sobre as diferenças religiosas nem a ouvir explicações sobre as práticas quotidianas das pessoas que praticam uma religião que não é a delas.

A desconfiança entre as religiões abraâmicas é um sentimento que se foi desenvolvendo por inúmeras razões, algumas historicamente compreensíveis; outras, nem por isso. Não fazemos ideia da dimensão do desconhecimento em que vivem os crentes de uma religião no que respeita aos outros credos. A verdade de adorarem o mesmo Deus foi durante muito tempo motivo de desconfiança e receio.

Sabemos que os preconceitos ancestrais continuam vigentes para muitos crentes, mesmo para aqueles que, com conhecimento ou acesso a esse conhecimento, teriam a capacidade de desenvolver e transmitir a devida sensatez, como lembrar o laço fundamental entre os povos que adoram o mesmo Deus.

Todas as religiões nasceram contra a corrente, quer contra o pensamento dominante, quer contra as tradições solidamente estabelecidas no seu momento histórico. O judaísmo nasce no meio de politeístas, o cristianismo num tempo em que Israel é dominado por uma potência estrangeira, Roma, e gerido por uma quase teocracia que lhe é conivente ou que está, em geral, taticamente resignada ao domínio romano. Houve bolhas de resistência, como os Macabeus, os Zelotas e outras tentativas de rebelião. O cristianismo nasce na tradição judaica e proclama em Jesus o Messias prometido. Os judeus que assim o aceitaram separaram-se daqueles que não o fizeram. Pouco a pouco, rituais, hábitos e preceitos tradicionais foram acabando, sem se distanciarem do Deus de Abraão, mas desenvolvendo a sua própria identidade. E, como sabemos, as identidades constroem-se realçando as diferenças num processo que se quer pacífico, mas que tem riscos inevitáveis.

Um exemplo antigo foi a culpabilização dos judeus pela morte de Jesus, incitada por alguns primeiros cristãos extremamente exaltados. No Concílio de Constantinopla, em 381 da nossa era, ficou oficializado o Credo cristão que inclui esta frase: “por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos”. Incluir esta personagem histórica no Credo e na

doutrina foi uma mensagem clara de liberação do povo judeu da acusação de deicídio. Infelizmente, durante longos séculos, muitos cristãos, entre os quais Martinho Lutero, não aceitaram esta mensagem. Evidentemente que esta não é nem pouco mais ou menos a explicação para o anti-semitismo, cuja origem e expansão têm raízes bastante mais complexas e menos antigas.

Por outro lado, houve outras formas identitárias que nos primeiros tempos do cristianismo definiram todo o seu futuro, como, por exemplo, um Credo igualitário e aberto a todos, sem discriminações étnicas, de origem, cultura, género ou estatuto social, oferecendo o Credo monoteísta ao mundo conhecido dessa altura. Os primeiros cristãos seguiram os ensinamentos de Jesus como Filho de Deus e espalharam a Sua palavra com o êxito que conhecemos, mas não sem antes terem sido perseguidos e difamados durante séculos. Isto sem contar com as divisões dos primeiros anos e com as interpretações tão fanáticas quanto extravagantes das seitas chamadas milenaristas até aproximadamente ao século X. Mais tarde acontecem os cismas a Oriente, a separação entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Ortodoxa, o cisma do Ocidente, com o papado anti-romano de Avinhão e a Reforma que deu origem às diferentes variantes evangélicas ou protestantes.

O islão nasce no século VII da era cristã, no meio dos antigos povos árabes, sobretudo nómadas, constantemente envolvidos em lutas tribais. Contava com tradições de religiões politeístas e, na altura, com a presença pacífica das religiões vindas de Israel, primeiro judaica

e depois cristã, ambas com uma bagagem tradicional alheia aos costumes e à cultura local. Embora houvesse permeabilidade a essas crenças, não era suficiente para árabes se tornarem cristãos ou tentarem ser judeus. Eram o momento e o local propícios para o aparecimento de uma religião própria, unificadora e inclusiva. Maomé escreve o Alcorão ditado por Deus. Os seguidores do islão reconhecem-se no Deus que se revelou a Abraão, de quem, pelo seu exemplo de obediência, tomam o nome. Islão significa precisamente “submissão a Deus”. Os muçulmanos acreditam em Jesus, não como Deus feito homem, mas como profeta. Aceitam a excepcionalidade da Virgem Maria. Defendem ainda que o caminho seguido pelo Povo do Livro, os judeus, e mais tarde os cristãos, foi errado. Um século depois da sua fundação, os muçulmanos dominavam os territórios do Egito até à Pérsia. Não sem antes se dividirem por um desacordo de legitimidade sucessória em sunitas e xiitas, sendo os últimos, e até aos nossos dias, uma minoria dentro do mundo islâmico.

As religiões abraâmicas tiveram de se afirmar num meio de desconfiança e hostilidade, com diferentes graus de agressividade. O único baluarte de cada uma destas religiões era a convicção de estarem certas, de terem fé no seu Deus, que embora fosse o mesmo, reclamava, digamos, prioridades, autoridades, práticas e interpretações diferentes. Também as formas e as hierarquias desses credos sofreriam transformações, diferenciando-se ao longo do tempo. A questão religiosa era básica: ter ou não ter fé. E, como qualquer paixão, a fé não se discute: pratica-se.

Em vários momentos da História, o convívio entre religiões diferentes era uma realidade. Épocas houve em que foi possível católicos, judeus e muçulmanos serem vizinhos. A chamada “tolerância religiosa” era possível, desde que não houvesse proselitismo. A ocupação árabe da Península Ibérica foi neste aspecto exemplar. Quando os reis espanhóis reocupavam os territórios, as comunidades muçulmanas não eram expulsas e passavam a conviver com judeus e cristãos. A diferença relativamente às várias cruzadas que tinham a intenção de reconquistar Jerusalém é evidente. Houve um tempo em que, na Península Ibérica, o islão não era visto como um inimigo. Os povos ibéricos faziam a distinção entre mouros e ser muçulmano. Sabemos que a história da humanidade está cheia de desculpas e explicações para guerras, massacres, perseguições e ânsias de encontrar bodes expiatórios para justificar a violência. Penso que não é preciso fazer um relato da intolerância, do sectarismo, dos fundamentalismos, nem dos eternos interesses geopolíticos, hegemónicos ou económicos, que tantas vezes incentivavam os conflitos conhecidos por serem religiosos, mas cujos objectivos pouco tinham que ver com o assunto.

O que nos interessa é perceber que ao longo de séculos o diálogo religioso não podia estar na agenda dos nossos antepassados. A afirmação da própria fé, e de alguma maneira a sua sobrevivência, era a única questão. Os cristãos evangelizavam. Os muçulmanos islamizavam ou convertiam. Os judeus, que numa época convertiam pagãos (a palavra “proselitismo” — que tem parecenças com

“recém-chegado” — tem origem grega e aplicava-se aos novos judeus convertidos), abandonaram esta prática poucos séculos antes da chegada de Jesus. Tornaram-se pouco a pouco mais etnocêntricos e fizeram (ou foram obrigados a fazer) uma sociedade cada vez mais fechada. Lembremos que só no fim do século XVIII, com a Revolução Francesa, os judeus foram declarados cidadãos de pleno direito em território francês.

Com o surgimento da democracia e a defesa dos direitos e liberdades dos indivíduos, a possibilidade do respeito por ideias e credos passou a ser uma realidade. É natural que a prática desse respeito promova o diálogo político, ideológico e o religioso. Isto pode soar banal, mas não podemos esquecer que o exercício desses direitos é muito recente na história da humanidade. Agora ninguém se surpreende que um comunista partilhe o espaço institucional com um conservador e que por vezes ambos até votem no mesmo sentido, embora nem sempre pelas mesmas razões. No início do século passado, e não em poucos países, quer um quer o outro, numa situação parecida, corriam o risco de perder a liberdade ou a vida. Ainda hoje, em muitas partes do mundo, mais do que imaginamos, os crentes das minorias são assassinados. Fica claro que as perseguições religiosas não terminaram e são uma forma de impor a religião dominante, eliminando os credos minoritários. Também existem perseguições de Estado, como acontece presentemente na China e na Coreia do Norte, ou como acontecia na União Soviética, a qualquer religião mono-teísta. No México, hoje em dia, sacerdotes católicos são

mortos pelos cartéis da droga por interferirem nos seus negócios<sup>2</sup>. Por outro lado, na Índia, dá-se o caso de muçulmanos e cristãos estreitarem as suas relações para se defenderem da maioria hindu e do seu sistema de castas.

O diálogo inter-religioso, tal como existe hoje, faz parte do tempo histórico actual. A tolerância é a realização de um preceito religioso seminal sempre adiado e não cumprido. Encontramos um primeiro exemplo desta abrangência no Génesis (9: 1-17), primeiro livro da Torá ou Antigo Testamento. Há um episódio na história da relação de Deus com os homens, que ficou conhecido como as Leis de Noé ou Pacto com Noé. São sete mandamentos para serem cumpridos não apenas pelo povo israelita, mas também pelo resto da humanidade.

1. *Avodá zará* — Não praticar a idolatria.
2. *Birchat hashem* — Não blasfemar.
3. *Shefichat damim* — Não matar.
4. *Gilui arayot* — Não praticar imoralidades sexuais.
5. *Gezel* — Não roubar.
5. *Ever min hachai* — Não maltratar animais.
7. *Dinim* — Estabelecer sistemas de justiça e tribunais.

**SÃO SETE PRINCÍPIOS QUE AS RELIGIÕES ABRAÂMICAS NÃO podem deixar de cumprir e defender. Acrescentaria que**

<sup>2</sup> Cf. *Relatório 2016: Liberdade Religiosa no Mundo*, Fundação AIS, ACN Portugal: Lisboa, 2016.

qualquer pessoa justa aceitaria estas indicações de rectidão. Lembremos que, no Alcorão, é a partir dos filhos de Abraão, época posterior a esta chamada Primeira Aliança de Deus, não apenas com o povo escolhido mas com a humanidade em geral, que começa a dissidência e a acusação aos judeus de desvio do mandato divino. Cumprir as Leis de Noé significa cumprir os mínimos indispensáveis, digamos assim, para ser reconhecido como uma pessoa justa, crente ou não. Mais tarde, chegariam outras exigências e outros mandatos que definiram os homens e mulheres religiosos, formando a identidade judaica.

Por isso, mesmo que muitas vezes esta primeira Aliança tenha sido e esteja ainda hoje esquecida, as religiões abraâmicas contêm uma mensagem de tolerância e respeito pelos outros credos. É certo que encontramos afirmações por vezes contraditórias sobre este tema na Torá, no Novo Testamento e no Alcorão. Basta, no entanto, ter um pouco de bom senso para perceber que, se os valores absolutos como o respeito pela vida e a justiça são a base da fé no Deus do Livro, que se antepõem a excessos de linguagem ou episódios mórbidos e sanguinários, os textos sagrados têm um valor mais metafórico e alegórico. Além das circunstâncias históricas, chamo a atenção para o tipo de pessoas a que se dirigiam certas passagens e as diversas transcrições feitas nas centenas de séculos da existência do Livro. A linguagem é directa e de compreensão aparentemente acessível. Também a islamização um tanto bélica dos primeiros séculos exercida pelos muçulmanos pode parecer mais uma invasão, algumas vezes negociada



e outras tolerada, do que uma conversão unânime e por vontade própria.

Mas eram outros tempos. Aliás, é provável que a conquista dos territórios não fosse apenas uma iniciativa religiosa, mas também política e económica. Era a oportunidade ideal para islamizar. É, no entanto, inegável que no Alcorão, escrito na maior parte na primeira pessoa, Deus se apresenta como uma versão autoritária, exigente, intolerante do Yahweh da Torá, com dias muito maus e a prometer prémios aos seguidores da sua lei e castigos tanto ao bom muçulmano como a quem não é muçulmano. Criar um novo culto ao mesmo Deus de judeus e cristãos obrigava a romper com a tradição judaica e a demarcar-se da incipiente — embora já numerosa — comunidade cristã, que predominava desde Bizâncio a Roma, África do Norte incluída. Era preciso um culto revitalizado, disciplinado, acessível na sua compreensão e unificador, com regras próprias, mas adoptando e adaptando o “espalhar a palavra de Deus”, da evangelização cristã à islamização, mais dinâmica e impositiva, exigida por Alá.